

São Paulo VI, discípulo de São Bento¹

Dom Patrice Mahieu, OSB²

TRADUÇÃO DE FREI ANDRÉ TAVARES, OP*

No outono de 1973, teve lugar em Roma, o congresso dos abades beneditinos que reúne, a cada quatro anos, os superiores dos mosteiros autônomos pertencentes à Confederação Beneditina. No dia 1º de outubro, os abades foram recebidos pelo Papa Paulo VI, que lhes proferiu um belíssimo discurso, no qual insistia sobre o primado da vida interior e a importância da oração litúrgica. Mas, uma vez terminada a leitura do discurso preparado, o Santo Padre acrescentou, de improviso:

E agora, uma última palavra; uma pequena lembrança pessoal. Quando eu era criança, ia a um lugar próximo à minha cidade natal. Sou de Brescia, e a localidade aonde ia é Chiari. Uma pessoa venerável, que depois foi bispo de Mântua, Dom Menna, grande amigo dos beneditinos, restaurou um convento franciscano, adaptando seu estilo, na medida do possível, aos usos e necessidades de uma comunidade beneditina. Esta comunidade beneditina vinha de Marselha, estava exilada e tinha à sua frente um grande abade: recordo-me dele, e desde minha infância eu o admirava. Ele se chamava Dom Gauthey.

1. O presente artigo foi adaptado de uma conferência pronunciada pelo autor, no dia 29 de agosto de 2015, perante os membros da Associação “Amigos de Solesmes” (nota do tradutor).

2. Monge da Abadia de Solesmes (França), autor de vários livros sobre São Paulo VI, dentre os quais: *Paul VI, Maître spirituel* (Éditions du Jubilé/Le Sarmant, 1997), *Paul VI et les Orthodoxes* (Cerf, 2012), *Paul VI, aimer le monde et le servir* (Médiaspaul, 2018), *L'amico dello sposo. Paolo VI, maestro e discepolo nello spirito* (Libreria Editrice Vaticana, 2018).

* Frei André Tavares, OP é frade dominicano. Prior dos dominicanos do Convento de Belo Horizonte. Mestre em Teologia pelo Pontifício Ateneu “Santo Anselmo”. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Contato: a.tavaresop@yahoo.com.br

Tive a sorte de ir várias vezes ao mosteiro, e era o único fiel presente; mas digo aos senhores que eu provava um sentimento de êxtase diante do modo como eles celebravam as cerimônias sagradas, e, sobretudo, a virtuosidade com a qual executavam o canto gregoriano (...). Esta impressão, que a oração era feita, diria, por si mesma, recebida e partilhada por ninguém mais a não ser por aqueles que a proferiam e o céu, ao qual ela era destinada, marcou minha alma, ainda bastante jovem, e foi uma das razões, um dos motivos, pelos quais me pareceu importante colocar minha vida a serviço do Senhor³.

Um ano após a beatificação do Papa Paulo VI, faz-se importante conhecer melhor uma das fontes de sua espiritualidade, que orientou toda sua existência terrestre e que não foi sem importância em relação ao seu modo de exercer as responsabilidades que lhe foram confiadas. Paulo VI foi um fino conhecedor da Regra de São Bento e da vida monástica. A influência que ela exercerá sobre ele vai muito além de uma simples atração, mesmo que espiritual. Giovanni Battista Montini amou os beneditinos ao longo de toda sua vida, inspirou-se no modo de ser deles e entre eles encontrou mestres e amigos.

Sem perder de vista que uma característica da formação de G. B. Montini é o ecletismo, tentaremos mostrar em que sentido podemos falar de Paulo VI como discípulo de São Bento.

I. A experiência monástica na vida de Giovanni Battista Montini

a. A descoberta da tradição de Solesmes em Chiari

Foram os eventos históricos que permitiram ao jovem Giovanni Battista Montini descobrir a vida monástica beneditina, e em primeiro lugar a família monástica de Solesmes.

Fundado em 1865, em Marselha, por Dom Prosper Guéranger, primeiro abade de Solesmes, a abadia de Santa Madalena teve que tomar o caminho do exílio, em direção à Itália, por causa das leis anticlericais francesas. Após um tempo no Vale de Aosta, depois na Ligúria e junto ao Lago de Como, a comunidade de Marselha encontrou refúgio em Chiari, na Província de Bréscia. O antigo convento franciscano de São Bernardino foi-lhe alugado por Dom Domenico Menna, futuro bispo de Mântua.

3. PAOLO VI, *Discorso ai monaci*, Padova, Edizioni Messaggero, 1982, p. 219.

No dia 10 de julho de 1910, véspera do dia de São Bento, ocorreu uma celebração no mosteiro, sob a presidência do venerável Bispo de Bréscia, Dom Giacomo Pellegrini que, apesar de seus 83 anos, quis testemunhar seu apoio e afeição para com os monges, inaugurando a vida monástica e abençoando o mosteiro. A população era informada sobre os eventos graças, especialmente, aos artigos do jornal *Cittadino di Brescia*, cujo redator-chefe não era outro senão Giorgio Montini, pai de Giovanni Battista.

O fascínio pela vida monástica fez nascer no coração do rapaz a questão de uma possível vocação monástica. Durante algum tempo, ele pensava pedir para entrar na comunidade e falou desta intenção a alguns monges, dos quais era mais próximo. Eram eles, Dom Abade Gauthey e Dom Denys Buener, um dos monges responsáveis pela hospedaria, e que foi o confessor do jovem. Mas eles o desaconselharam a tomar seu caminho nesta direção, ao mesmo tempo por causa de sua saúde delicada e por suas disposições para uma vida ativa. A Providência estava agindo!

Uma vez tendo passado no exame de *maturità classica*, o jovem Montini entra no seminário, como aluno externo, por causa de sua saúde frágil. Seu professor de Direito Canônico era Dom Domenico Menna, que morava em Chiari. Eis uma razão a mais para Giovanni Battista, quando precisava visitar Menna por causa dos estudos, frequentar a comunidade de São Bernardino.

Ao longo de toda sua vida, Giovanni Battista Montini cultivou uma relação epistolar com certos monges e abades da comunidade, que se transferiu para Hautecombe, na Savóia, em outubro de 1922. Além disso, Dom Giovanni Battista foi ao novo local de residência dos monges, no verão de 1924, lá reencontrando os religiosos que tinha conhecido em Chiari. No dia 2 de agosto, ele escreveu à sua família:

Já passei em Hautecombe quase duas semanas muito boas. O tempo não estava muito favorável, mas como meu tratamento pede, sobretudo, repouso, não posso reclamar de me ter comodamente aproveitado disto. E depois, a atmosfera beneditina é sempre simpática. E isso se deve à simplicidade cordial e fidalga com a qual tratam o hóspede, e, especialmente, ao magnífico ofício litúrgico, austero, melodioso, que constitui a parte principal de sua vida contemplativa⁴.

Uma outra carta nos parece muito significativa. Em 1965, o Mosteiro de Santa Madalena, agora em Hautecombe, celebra o centenário de sua fundação.

4. MONTINI, Giovanni Battista. *Carta*, 2 agosto 1924, n. 328 em *Lettere ai Familiari*, t. 1, Brescia, Instituto Paolo VI, 1986, p. 320-321.

Paulo VI envia, então, uma carta a Dom Édouard Dupriez, Abade de Santa Madalena. A parte mais importante da carta apresenta a natureza da vida monástica, como Paulo VI a concebe:

Como apreciamos esta fidelidade ao serviço de Deus! Nós os parabenizamos, caros filhos, por ter em seus corações, como seus predecessores, a importância de cultivar a grandeza de sua vocação contemplativa. A missão dos monges beneditinos na Igreja, temos o prazer de afirmá-lo, na linha do Concílio Vaticano II, permanece sendo a oração permanente para com as grandes intenções da Igreja. Ela também implica – e este é objetivo dos senhores – a oferenda de si próprio à divina Majestade, que se traduz pelo labor realizado com um grande amor a Deus: *Ora et labora*⁵.

b. A Abadia de Monte Cassino e Santo Anselmo

Em setembro de 1919, os estudantes católicos italianos da FUCI (Federação Universitária Católica Italiana) organizam, no Monte Cassino, um encontro que foi ao mesmo tempo um retiro espiritual e um congresso. O objetivo era, após o término da Primeira Guerra Mundial, recompor as energias, na paz de espírito e de coração⁶.

Duas cartas, escritas durante esta estadia, foram conservadas. Elas nos dão as impressões e o impacto que o lugar causava sobre o jovem de Brescia, e revelam-nos seu modo de unir a força geradora de uma civilização com as exigências da vida contemplativa beneditina.

Todos nós experimentamos o fascínio deste lugar, feito, primeiro, de apreensão, de espera, de emoção, depois de admiração, de entusiasmo e, enfim, de alguma coisa que é ao mesmo tempo oração e ação de graças, com a particularidade de nos sentirmos próximos do coração de uma civilização que não deve ter desaparecido, que deve regenerar-se, que deve, orientando os homens para o alto, descer e devolver à pátria sua cultura e sua fé, seu *ora et labora*. Após Roma, creio que para nós não

5. Paulo VI. *Lettre autographe à Dom Édouard Dupriez, Abbé de Sainte-Madaleine de Marseille à Hautecombe*, 24 février 1966, in « Correspondence de Paul VI avec les moines de l'Abbaye Sainte-Madeleine », *Notiziario* 9, Brescia, Instituto Paolo VI, 1984, p. 7-45 (p. 40).

6. Paulo VI faz menção disso oralmente, em 24 de outubro de 1964: “Em setembro de 1919, já como estudante de teologia, sem ter ainda vestido o hábito eclesiástico, juntei-me a um grupo de estudantes, guiados pelo inesquecível Dom Giandomenico Pini, a fim de fazer um retiro nesta abadia – de Monte Cassino – tendo como objetivo, após a guerra, dar de novo vida à FUCI, já tão digna”. Cf. *L'Osservatore Romano*, 1964, n. 250, 28 de outubro, p. 3.

haja santuário onde o sentimento da tradição cristã nos habite mais fortemente e se nos torne natural o ardente desejo de não sermos indignos, mas de sermos continuadores humildes, igualmente obscuros, e dispersos, mas atentos e confiantes⁷.

Em uma segunda carta, endereçada à sua avó paterna, Francesca, ele estabelece uma relação entre seu gosto pelo ideal beneditino experimentado em Monte Cassino e os valores recebidos em sua tradição familiar.

Lá em cima, também aprendi a apreciar mais profundamente o que devo àqueles que me preparando uma família como a nossa tornaram-me capazes de experimentar as severas e luminosas belezas desta casa de oração e de trabalho [...]. Em todos os lugares transparece o esforço para atingir uma dupla perfeição: a perfeição religiosa e a perfeição humana, e é justamente a palavra de São Bento que garante este esforço: *ora et labora*. Depois, há o espírito beneditino que domina, diria, de modo aristocrático, na liturgia perfeita, excluindo tudo o de hiperbólico e de artificial que acrescentamos ao culto, porque tudo é refinado, preciso, perfeito. Em suma, tudo isto agradaria muito a você⁸.

Ele vai novamente, de modo privado, a Monte Cassino, em 1930, para lá fazer um retiro espiritual, de 1º a 6 de junho. Ora, neste ano, ele comemora o segundo aniversário de sua ordenação sacerdotal. O Padre Montini continua a trabalhar na Secretaria de Estado, a acompanhar os universitários da FUCI, como capelão nacional, e desde este ano, passa a ensinar história da diplomacia pontifícia, no Instituto Pontifical Santo Apolinário. Acompanhava-o, neste seu retiro em Monte Cassino, o Padre Giulio Bevilacqua⁹, verdadeiro pai espiritual de Montini, desde os anos de sua juventude, em Bréscia, quando ele frequentava, assiduamente, o Oratório, onde os religiosos gozavam de grande respeito e influência.

A razão pela qual o Padre Bevilacqua acompanha o Padre Montini a seu retiro é clara. Há vários meses, o oratoriano teve que fugir de Bréscia, onde era perseguido pelo regime fascista. Vindo a Roma, ele ficará hospedado, primeiramente, na Via Aurélia, na residência dos assistentes da Ação Católica. Mas depois, é acolhido por Giovanni Battista Montini, no pequeno apartamento que ele acabara de alugar no Aventino, no número 11 da Via Terme Deciane.

7. MONTINI, Giovanni Battista. *Carta*, 1 settembre 1919, n. 1, *Lettere ai Familiari*, t. 1, Brescia, Instituto Paolo VI, 1986, p. 2.

8. MONTINI, Giovanni Battista. *Carta*, 5 settembre 1919, n. 2, *Ibid.*, p. 4.

9. Cf. FAPPANI, A. P. *Giulio Bevilacqua prete e cardinale sugli avamposti*, Verona, 1975.

A proximidade do mosteiro beneditino do Aventino, sede do colégio e do ateneu, que reunia os jovens monges de todos os países, vindos a Roma fazer seus estudos, permitia-lhe, assim, participar dos ofícios litúrgicos. Sua correspondência faz referência à sua participação na vida litúrgica beneditina¹⁰.

c. Os mosteiros beneditinos italianos

Aos dois locais significativos, ou seja, Monte Cassino e Santo Anselmo, devemos acrescentar outros numerosos mosteiros italianos, os quais exerceram um papel importante na vida de Giovanni Battista Montini. Além do clima de oração e do ofício litúrgico monástico, alguns desses locais são, igualmente, ligados a personalidades da vida religiosa, a circunstâncias particulares, a funções precisas, a encontros que marcaram a vida pessoal ou religiosa, social e política da Itália.

Ainda em Roma, a Abadia de São Paulo Fora dos Muros constitui um polo monástico importante, para o jovem assistente eclesiástico da FUCI, que leva até lá grupos de estudantes, para breves retiros espirituais (os *ritiri minimi*), que marcarão grande número dos futuros responsáveis pelo mundo político, econômico, cultural... das marcas da espiritualidade beneditina. Estes retiros aconteciam do sábado, às 19h, até a manhã de segunda-feira, às 7h. Era, costumeiramente, conduzido por um monge beneditino, Irmão Alessandro Alessandrini, dos Irmãos das Escolas Cristãs, e por um padre do clero secular. O Padre Montini foi um apoiador entusiasmado desses retiros, pois sua forma era bem adaptada ao estilo de vida moderno. Ele participa, com frequência, destes momentos com os grupos de estudantes, e durante o retiro dava algumas palestras.

O abade de São Paulo não era ninguém menos que Dom Idelfonso Schuster, que fez seu noviciado naquela abadia, em 1898, foi prior em 1918 e eleito abade em 1920. Em 1929, Pio IX nomeia-o Arcebispo de Milão, onde permanecerá até ser sucedido por Dom Montini, em 1954. Desde 1923, o Padre Montini entretém uma relação pessoal com este abade¹¹, que será beatificado por João Paulo II, em 1996.

10. Por exemplo, no dia 26 de março de 1929, ele escreve para sua família: “Vou passar, então, a Páscoa em Roma: irei a Santo Anselmo para assistir os ofícios. Estou precisando também deste silêncio” (n. 639, *op. cit.*, t. 2, p. 593). Igualmente, para o Natal daquele ano, faz uma visita a Santo Anselmo, com sua tia, Maria Montini.

11. No *post scriptum* da carta do dia 2 de maio de 1923, ele escreve à sua família: “Dom Abade Schuster, com o qual gostaria de falar um pouco sobre questões pessoais, não estava em Roma naqueles dias”, n. 199, *op. cit.*, t. 1, p. 204.

A correspondência de Montini testemunha suas passagens por numerosos mosteiros beneditinos da península. No dia 2 de maio de 1927, ele está em Monte Oliveto Maggiore, e no dia 22 de julho, em Subiaco. No dia 3 de março de 1928, encontra-se em Praglia. Habitualmente, ele faz suas pausas espirituais em companhia de amigos da FUCI.

Um local é-lhe particularmente caro: a Ermida de Camaldoli, na Toscana. Ele passa por lá no dia 20 de julho de 1927. De acordo com a carta, na qual expõe com clareza os valores monásticos que lhe parecem essenciais, sente-se que esta experiência monástica, mesmo que breve, foi marcante, segundo a descrição que ele faz para sua família.

Pela manhã [de 20 de julho], com um pequeno automóvel que havíamos alugado, subimos a outra montanha do Casentino: Camaldoli. Em Camaldoli, o mundo está, literalmente, em retiro; ele é deixado lá, no antigo mosteiro; um grande convento, que agora é utilizado para não sei o quê, rodeado por algumas casas, por hotéis suntuosos, bem fincado no fundo do vale, cercado por uma densa e virgem floresta de pinheiros. Mas a estrada continua, e chega à ermida. Aqui, encontramos a solidão, verdadeiramente selvagem, que edifica, que consola, que nos faz perguntar se nós, seres sociais, não perdemos o critério ou ao menos um dos critérios fundamentais da vida humana e cristã. Aqui encontramos o frescor silencioso que parece dizer: espere um momento. Aqui encontramos-nos na presença de São Romualdo, o idoso mais que centenário, de cabelos brancos, de hábito, com a alma denunciada por seu aspecto altivo, por sua fala cortês e humana. Seus monges, também, agem da mesma forma; visitamos o mosteiro, no qual é antiga a memória; olhamos, uma a uma, as casinhas brancas, que se parecem aos cordeiros que pastam no claustro do eremitério. A igreja é horrivelmente decorada com estuques do século XVI, cor de ouro, pesados, certamente longe do espírito do local, mesmo se o conjunto cria um grandioso aspecto teatral¹².

O Padre Montini voltará várias vezes a Camaldoli, onde, a partir de 1936, ocorrerão as Semanas de Cultura Religiosa, promovidas pelo movimento dos *Laureatti Cattolici*. Neste primeiro encontro, ele deu uma conferência intitulada: “Deus no Novo Testamento”. Em 1943, ali haverá uma semana especialmente importante, durante a qual será redigido “O Código de Camaldoli”, uma lista de princípios-guia para o engajamento cristão em matéria política e social, no pós-guerra italiano.

12. MONTINI, Giovanni Battista. *Carta*, 31 de julho de 1927, n. 523, *op. cit.*, t. 1, p. 488.

d. As viagens beneditinas

Durante os meses de verão, o Padre Montini era hóspede costumeiro de mosteiros beneditinos, para fazer um retiro propriamente dito, ou para um tempo de repouso, ou ainda para algumas pausas, no quadro de um turismo espiritual.

Em 1922, ele visita a Áustria e a Alemanha, e faz uma passagem pelo Mosteiro de Ettal.

Em 1924, como vimos, ele passa por Hautecombe, na Savoia, depois, após uma parada em Dijon, de 6 a 30 de agosto, prossegue até Paris, para fazer um curso de língua e cultura francesas. Ele se hospeda nas beneditinas da *Rue Monsieur*. O objetivo desta estadia era linguístico, literário e artístico, mas ele também aprecia a atmosfera beneditina do local¹³.

O tempo está razoavelmente bonito, no entanto cinzento, e melancólico; a temperatura, ideal. Sigo, com uma razoável fidelidade, o curso para estrangeiros; há algumas aulas de artes nos museus, outras de literatura, realmente interessantes, às quais se somam outras, mais modestas, de gramática, e exercícios práticos. [...] Já visitei três vezes o Louvre, vendo muitas coisas, mas observando pouco, por causa da quantidade exuberante de coisas a olhar. Nem é preciso lembrar que os artistas italianos ocupam o primeiro lugar quanto às obras do Renascimento¹⁴.

Entre julho e agosto de 1928, ele realiza, com o Padre Ângelo Grazioli e outros amigos, uma viagem que, após uma parada em Paris e em Reims, levam-nos a mosteiros beneditinos da Bélgica e da Alemanha. No dia 19 de julho, ele chega a Maredsous, abadia que muito aprecia. No dia 27 de julho, estará no mosteiro de Santo André, de Bruges. A viagem prossegue com passagens por Maria Laach e Beuron.

De 22 a 27 de julho de 1930, o Padre Montini hospeda-se novamente em Paris, com as beneditinas da *Rue Monsieur*. Não parece que seja para uma temporada de estudos, como em 1924, pois o período é muito breve e a correspondência da época faz menção a várias visitas: Reims, Amiens... Em seguida, vai a Lourdes, fazendo ainda várias etapas: Chartres, Solesmes, Angers, Tours.

13. “Em 1926, passei alguns meses em Paris. Fiquei hospedado no Mosteiro das beneditinas da *Rue Monsieur*. Celebrava a missa na capela onde, no domingo, reuniam-se vários escritores, de seus convertidos. Disseram-me que ela foi fechada. Era um lugar de recolhimento, de renovação interior, no centro de Paris. A paz beneditina no meio do tumulto deste mundo” – Jean Guitton. *Dialogues avec Paul VI*, Paris, Fayard, 1967, p. 327. De fato, a estadia ocorrerá em 1924, durante algumas semanas.

14. MONTINI, Giovanni Battista. *Carta*, 9 de agosto de 1924, n. 335, *op. cit.*, t. 1, p. 327.328.

Caríssimos, chegamos a Lourdes, ontem pela manhã, vindos de Tour, tendo antes passado rapidamente por Chartres, Solesmes e Angers¹⁵.

Podemos nos deter um momento nesta breve passagem por Solesmes, em relação à qual nenhum traço foi conservado nos registros ou nos arquivos. Contudo, podemos ler essas indicações nas memórias de Dom Jean Prou, quinto abade de Solesmes que fora, anteriormente, procurador da Congregação de Solesmes, em Roma.

Quando Dom Montini foi criado cardeal por João XXIII, assim que chegou a Roma para o consistório, fui fazer-lhe uma visita *di calore*, e ele me disse novamente que havia estado em Solesmes. Como não me lembrava que ele tivesse ido a Quarr, no tempo em que a comunidade de Solesmes lá esteve exilada, eu lhe disse: “Foi na Inglaterra que Vossa Eminência esteve?” Ele me respondeu: “Sim, mas fui também a Solesmes na França, para ver Dom Genestout, que eu conheci em Roma”. Quando o Cardeal Montini tornou-se Papa, soube que esta visita a Solesmes ocorreu em 1930. De fato, o jornal “Semana Religiosa”, da Diocese de Angers, lembrava que ele tinha vindo a Angers para ver um padre sulpiciano que lá estava retirado, e que ele conhecera quando seminarista; notava-se neste pequeno artigo que ele estava vindo, então, da Abadia de Solesmes¹⁶.

A última grande “viagem beneditina” no exterior ocorreu em 1934. O Padre Montini passou por Marselha e por Paris, antes de tomar o navio no Havre. No dia 21 de julho de 1934, ele chega, com seu amigo, Dom Mariano Rampolla del Tindaro, que conheceu na Academia Eclesiástica, em Ryde, na Ilha de Wight, e vai até Quarr Abbey, antigo mosteiro cisterciense, onde os monges de Solesmes construíram, a partir de 1907, um novo mosteiro, para servir-lhes de lugar de refúgio, após as congregações religiosas terem sido expulsas da França.

A carta escrita de Quarr resume suas primeiras impressões:

Caríssimos, chegamos ontem de manhã, com o tempo fechado. Depois, o céu se abriu, para deixar-nos ver uma ilha encantadora, com o mar, os jardins, os edifícios. A abadia é igualmente belíssima, moderna, muito bem administrada:

15. MONTINI, Giovanni Battista. *Carta*, 31 de julho de 1930, n. 705, *op. cit.*, t. 2, p. 646.

16. PROU, Dom Jean. *Souvenirs de mes rapports avec Mgr. Montini ou Paul VI*. Nota datilografada entregue ao autor. Dom Prou observa que o Cardeal Montini disse-lhe, “novamente”, que tinha ido a Solesmes, pois ele já tivera ocasião de dizê-lo durante os contatos que teve com Dom Montini, quando este era Pró-Secretário de Estado do Vaticano.

é uma dependência de Solesmes. Hospitalidade muito amável e confortável. Tenho sempre vocês na memória, com Deus¹⁷.

Na carta seguinte, ele volta a falar sobre sua estadia em Quarr.

Na manhã do dia 21, chegamos cedo a Southhampton [...]. O tempo estava frio e outonal; mas, quando, algumas horas depois, chegamos de navio a Ryde, a paisagem mudou com o sol, que brilhava, como que à italiana, no céu. Os locais são verdadeiramente esplêndidos: tudo é bem cuidado, tudo é cultivado, tudo estava em ordem, uma ordem que reflete a liberdade e a disciplina, o bem-estar e o bom gosto. Quarr Abbey é uma abadia esplêndida, construída há alguns anos, com elementos arquitetônicos, especialmente na igreja, muito interessantes. Os monges são franceses. Encontrei um que eu conhecia de Monte Cassino: Dom Azzopardi, que nos deu uma boa acolhida e nos foi uma boa companhia. Encontrei igualmente Dom Subercaseaux¹⁸, irmão de um colega da Academia e do conselheiro da Embaixada do Chile junto à Santa Sé. Ficaríamos mais tempo – este era o projeto – neste encantador sítio beneditino, se Monsenhor Riberi não tivesse chegado, bem apressado e cheio de projetos, para nos ocupar. Fomos embora com ele, no domingo de manhã¹⁹.

Após Quarr, o pequeno grupo italiano vai, depois de ter visitado as Catedrais de Winchester e de Salisbury, ao mosteiro de Dowside.

Durante esta viagem, o Padre Montini visita várias catedrais tornadas anglicanas, como Glastonbury, Wells, das quais ele admira a arquitetura gótica. Durante sua passagem por Londres, assiste a uma sessão da Câmara dos Comuns, em que o Ministro dos Assuntos Estrangeiros, John Allsebrook Simon, fornece-lhe informações relativas ao golpe nazista de 25 de julho, em Viena.

O Pe. Montini continuará a frequentar os mosteiros beneditinos, seja na Itália (Camaldoli...) ou no exterior (por exemplo, Einsiedeln, o célebre mosteiro e centro de peregrinação suíço). Mas no dia 16 de dezembro de 1937, ele é nomeado Substituto na Secretaria de Estado, dois anos antes do início da guerra. Nos dias 12 de janeiro e 15 de maio, morrem seu pai e sua mãe, aos quais ele destinava cartas com ricos detalhes e apreciações, o que põe fim, portanto, a uma preciosa fonte biográfica.

17. MONTINI, Giovanni Battista. *Cartão Postal*, de 22 de julho de 1934, n. 875, *op. cit.*, t. 2, p. 788-789.

18. Trata-se de Pedro de Subercaseaux Errazuriz, chileno, irmão de Juan, estudante na Academia Eclesiástica, colega do Padre Montini, e irmão também de Leon, conselheiro de embaixada.

19. MONTINI, Giovanni Battista. *Carta*, dia 23 de julho de 1934, n. 876, *op. cit.*, t. 2, p. 789-790.

II. Valores beneditinos interiorizados

Lendo a Regra de São Bento, nela encontramos, como dela brotando, certa quantidade de valores que modelam as atitudes, formando o que podemos chamar de “personalidade beneditina”, ou seja, uma personalidade evangélica que, por graça e por escolha, privilegia este ou aquele apelo interior na imitação de Cristo, na escola de São Bento.

Em Giovanni Battista Montini, observamos certo número de influências espirituais: aquelas que ele encontra em seu meio familiar, particularmente com São Francisco de Sales, a santa liberdade à qual podem formar os Padres do Oratório de São Felipe Neri de La Pace, etc. Mas não é artificial atribuir-lhe uma “alma beneditina”.

Poderíamos, na fisionomia espiritual de Giovanni Battista Montini, nos deter em vários traços que podemos qualificar como “beneditinos”: um modo de edificar o homem interior no desprendimento e na humildade, a centralidade de Cristo, a afinidade com a *discretio*, o equilíbrio no exercício da autoridade, que sem se esquivar da responsabilidade sempre considera, com respeito, o pensamento do outro, a abertura do coração e da inteligência, o que fez dele um irmão universal etc. Seleccionamos três atributos que nos parecem particularmente significativos. Para qualificá-los, escolhemos três passagens da Regra: “Se ele procura verdadeiramente a Deus” (cap. 58); “Nada se anteponha à obra de Deus” (cap. 43); “Apresente-se-lhe um tratamento cheio de humanidade” (cap. 53).

a. “Se ele procura verdadeiramente a Deus” (cap. 58)

Ao postulante que solicitou sua entrada no mosteiro e que é conduzido à ala dos noviços, a fim de discernir sua vocação, São Bento apresenta um critério de discernimento: “Se ele procura verdadeiramente a Deus”²⁰.

Buscar Deus constitui a vigia mestra da vocação monástica, procurá-lo verdadeiramente, colocando-o no centro de toda a nossa jornada. Esta busca por Deus caracteriza a vida monástica; não que toda pessoa não tenha num lugar ou outro de seu coração este desejo, um élan por essa procura de Deus. Mas buscar Deus é a principal atividade do monge, no sentido em que isto constitui a melhor parte, e que ele está pronto a tudo sacrificar para viver tal busca, concretamente.

20. Regra de São Bento, capítulo 58.

Desde a sua infância, o pequeno Battista deixa aparecer seu temperamento reflexivo, e uma tendência quase natural à oração. Seu irmão Francesco conta que, num dia de verão, durante um dos numerosos passeios nos campos vizinhos à casa de Concesio, vendo que Battista não estava participando das brincadeiras nem das conversas, ele lhe pergunta: “O que está fazendo, Battista? Por que não responde?”. “Deixe-me em paz, eu estou rezando, porque acho que depois não terei mais tempo para isso”²¹.

Seguindo as confidências que o papa pode ter feito a seu amigo Jean Guitton, é inegável que a essa inclinação natural é preciso acrescentar a influência de sua mãe, Giuditta Alghisi Montini.

À minha mãe devo o senso de recolhimento, de vida interior, de reflexão orante, da oração meditada; ela me deu o exemplo de uma vida toda entregue²².

Quando era assistente da FUCI²³, Montini publicou, em 1931, na revista da associação, várias meditações, reunidas sob o título: “A oração da alma”. A situação era particularmente crítica, naquele momento. Após ter assinado a concordata com a Igreja, em 1929, o poder de Mussolini ataca as organizações de jovens da Ação Católica, e a FUCI tem sua existência ameaçada. É neste clima, que Monsenhor Montini apresenta a questão da busca de Deus, da experiência espiritual, a capacidade de buscar Deus, de um modo despojado, no qual a sensibilidade não encontra satisfação, mas que, contudo, permite à fé ser conduzida por um desejo íntimo.

Ver! Ver: quer dizer conhecer imediatamente, diretamente, facilmente. Conhecer tudo, conhecer Deus: isto é a vida, a vida verdadeira, a vida eterna.

Não posso presumir os dons de Deus, não quero desafiar a sublime luz dos mistérios divinos; não posso esgotar em minha estreita capacidade de compreensão a infinita fonte da inefável transcendência do Primeiro ser. Não desejo mesmo antecipar, com o olhar absorto e totalmente acolhedor da mística, alguma experiência da futura intuição beatífica. Deus me escaparia se eu desejasse mensurá-lo.

Mas ele me buscou, a fim de que eu o conheça. Ele me puniria se eu permanecesse cego²⁴.

21. Cf. FAPPANI, Antonio; MOLINARI, Franco. *Giovanni Battista Montini Giovane*, Torino, Marietti, 1979, p. 34.

22. GUITTON, Jean. *Dialogues avec Paul VI*, Paris, Fayard, 1967, p. 75.

23. G. B. Montini foi assistente eclesiástico da FUCI de 1925 a 1933.

24. MONTINI, Giovanni Battista. “Per riflesso in enigma” in *Colloqui Religiosi*, Quaderno I dell’Istituto Paolo VI, Brescia, Istituto Paolo VI, 1981, p. 5-6 (p. 5).

Se o desejo por Deus habita o coração humano, ele deve ser orientado, moldado, ordenado, para poder realizar um encontro. A percepção aguçada da dependência no ser que trazemos é elevada pela graça de Deus. Mas isso não dispensa uma educação, uma ascese, que subentende toda a vida contemplativa autêntica. Buscar Deus em toda coisa, em cada instante, seguramente constituiu o horizonte do monge de São Bento.

Buscar Deus em si mesmo e nas coisas. Não verei tudo: permanece como num espelho, continua o enigma. Mas verei bem em breve. Verei facilmente. Não me sentirei estranho à minha própria vida, buscando a vida de Deus. Conquistarei o mundo para conquistar o céu. Mas como, Senhor?²⁵

Nos anos 1920-1921, ou seja, no momento de sua ordenação sacerdotal, e durante os primeiros anos de estudo em Roma, Montini tinha um caderno onde anotava suas meditações, nas quais reencontramos o tema do desejo, da busca de Deus.

Somente vós! Que eu aprenda a conhecer-me a partir de vós, e a vós a partir de mim. Sou cheio de desejos e de fraquezas. O primeiro ato de confiança é o de preferir-vos a todo desejo. Somente vós. Queria ser algo a mais para oferecer-me dignamente a vós. Mas a oferenda é humilhação, e ninguém deveria vivê-la como eu. Como é terrível vossa presença²⁶.

Estas linhas não podem esconder sua tonalidade agostiniana, especialmente se elas são comparadas com aquelas que lemos nas *Confissões*. A busca por Deus, de Montini, foi orientada por um de seus grandes mestres, Santo Agostinho. Se tomarmos uma lista de referências tiradas dos escritos de Montini, temos no Bispo de Hipona o autor patrístico mais citado – mas ele é ultrapassado por Santo Ambrósio, em relação aos escritos milaneses, o que é compreensível. A leitura de Santo Agostinho era quase cotidiana. Ele possuía os doze volumes das *Opera Omnia*, e quando tinha necessidade de alguma citação, encontrava, num dos volumes, a passagem exata da qual queria se servir. Suas meditações íntimas são fortemente influenciadas por Santo Agostinho²⁷.

25. *Ibid.*, p. 7.

26. MONTINI, Giovanni Battista. “Note giovanili”, *Notiziario 27*, Brescia, Instituto Paolo VI, 1994, p. 7-39 (p. 36).

27. Podemos pensar no escrito intitulado “Pensamentos sobre a morte”, em *Dans l'intimité de Paul VI*, Paris, Médiaspaul, 2006.

A procura por Deus constitui uma chave de leitura importante do desenvolvimento espiritual de Montini. Atitude interiorizada, ela se integra harmoniosamente em sua pastoral com os jovens estudantes. Busca de Deus, oração, vida interior, articulação entre atividades e busca espiritual, diálogo: todos estes temas constituem a trama de fundo de seu ministério educativo. E encontramos Santo Agostinho no coração desta sua missão²⁸.

A busca de Deus é, na verdade, deixar-se encontrar por Ele. Paulo VI volta, frequentemente, a esta ideia, no contexto do mistério da Encarnação. Para acolher o Deus que nos procura, é preciso tornarmo-nos pequeninos, humildes, a fim de retirar os obstáculos que nos impedem de nos colocarmos junto a Deus, deixarmo-nos ensinar por Ele, principalmente por seu modo de ser em relação a nós. Aceitar de responder ao Deus que vem nos procurar, por meio de nossa própria busca de Deus, fazendo, pois, uma única busca e um só caminho, que implica momentos de solidão e mesmo de tormentos, também. Não podemos ser de Deus senão aceitando tudo perder.

Durante a Quaresma de 1938, Monsenhor Montini, então Substituto na Secretaria de Estado, refletia sobre a busca de Deus, em uma meditação cujas notas ele conservou, intitulada *Adhere Deo bonum est*. Antes de se deter diante dos obstáculos e das deficiências, e de suas soluções, ele expõe toda a importância de tal procura. Percebemos aí os traços existenciais da tarefa, assim como as exigências que ela traz consigo.

A busca de Deus é o maior dever e o maior bem do homem.

[...] O homem encontra-se a si mesmo buscando Deus. Ele tem todo o interesse, poderíamos dizer, em buscá-lo. E como Deus não é mais um bem, mas o Bem absoluto, esta busca não pode ser episódica, mas constituir inteiramente a história da verdadeira felicidade humana²⁹.

28. Encontramos em Montini, quando nomeado Arcebispo de Milão, uma assídua leitura de Santo Agostinho, uma sintonia de pensamento nunca separada da vida, mas que se torna seu alimento, uma sintonia já iniciada quando ele era assistente da FUCI, um ensinamento cuja fecundidade relativa à formação das consciências ele percebeu. Montini não se aproximava de Agostinho como historiador de seu magistério, mas fazendo-se discípulo, no acompanhamento espiritual das pessoas e, em Milão, na condução da Igreja que lhe fora confiada” (Cesare Pasini, “Montini alla scuola di Agostino e Ambrogio”, *Notiziario* 69, Instituto Paolo VI, Concessio, 2015, p. 105-111 (p. 106).

29. MONTINI, Giovanni Battista. “Quaresima 1938: La ricerca di Dio”, *Notiziario* 51, Instituto Paolo VI, Bréscia, 2006, p. 7-18 (p. 7-8).

b. “Nada se anteponha à obra de Deus” (cap. 43)

São Bento atribui à celebração da liturgia, que ele nomeia “obra de Deus”, uma importância toda particular, constituindo-a como eixo central da jornada e da vida do monge. Ele consagra doze capítulos para descrever sua composição, detalhadamente, e ao longo de toda a sua Regra não cessa de fazer referência à liturgia. No capítulo 43, enuncia o princípio que resume todo o seu pensamento: “Nada se anteponha à obra de Deus”, e apresenta, no capítulo 58, dentre os três critérios da vocação, a prontidão para o ofício divino.

Quando Paulo VI pensa no monge beneditino, não hesita em anunciar esta escala de valores que coloca a oração litúrgica em primeiro lugar, dentre as prioridades do monge. Quando ele encontra os abades beneditinos, sua apresentação da vida monástica não se distancia desta compreensão.

A oração litúrgica é o bem principal, que não pode ser por nada substituído e pelo qual, de uma maneira permanente, a vida interior é como tecida e alimentada. O monge beneditino entra nessa oração, que se apóia, como sobre seu centro, na celebração do sacrifício eucarístico e da recitação do ofício divino, ou seja, este louvor divino que chamamos *opus Dei* por excelência. Ele o faz como se tratasse da coisa mais importante e mais desejável, à qual ele se dá de um modo todo especial. Se todo homem consagrado a Deus deve ser – se é-nos permitido fazer uso de um vocábulo corrente – um “especialista em Deus”, isto pertence, sobretudo, aos senhores, membros muito amados da Ordem de São Bento, os senhores que durante as longas horas consagradas ao ofício divino devem se esforçar para aproximar-se da Divina Majestade, com um coração e um espírito livres das coisas que passam, silenciosos e atentos, e falar a ele na alegria e na adoração, como seguindo a própria oração do Cristo que os atrai³⁰.

A formação litúrgica do jovem Montini foi, como em outras numerosas áreas de sua vida, eclética, o que não impediu, e nesse caso inclusive favoreceu, uma grande profundidade. Podemos mencionar aqueles que tiveram uma influência determinante sobre sua formação litúrgica: o Padre Giulio Bevilacqua³¹, que ele criará cardeal, os outros padres oratorianos de la Pace,

30. PAUL VI, « Discours aux abbés bénédictins, 30 septembre 1970 », *Documents pontificaux de Paul VI, 1970*, Saint-Maurice, Éditions Saint-Augustin, Saint-Maurice, p. 621-622.

31. Na abertura do Congresso Litúrgico Diocesano de Verona, no dia 14 de setembro de 1957, aquele que havia se tornado Arcebispo de Milão, dirá, a propósito do Padre Bevilacqua, em sua

os monges beneditinos de Chiari, Dom Emanuele Caronti, o Padre Maurice Zundel. Bevilacqua, que estudara em Louvain e lá frequentava o Mosteiro de Mont-César, voltou entusiasmado com o Movimento Litúrgico, que ali nascia.

É precisamente em La Pace, que o Padre Bevilacqua implementará tudo o que experimentou na Bélgica e com Dom Caronti, com uma pastoral litúrgica que insiste na concepção de vida litúrgica como espaço do progresso espiritual, como edificação da comunidade... Ele fará de La Pace uma comunidade litúrgica qualificada como “modelo”, por Dom Caronti. O enraizamento da vida espiritual na ação litúrgica paroquial, viva e interiorizada, será a característica dominante do pensamento e do trabalho do mestre espiritual do futuro papa.

Ao mesmo tempo, o jovem Montini frequenta, assiduamente, o Mosteiro de Chiari. Mais tarde, Papa Paulo VI confidenciará a Dom Marc Lallier, então Arcebispo de Marselha: “Foi no tempo de minha juventude. Eu pensava no sacerdócio e para tal me preparava. Conheci bem Dom Gauthey, o abade naquela época, e, sobretudo, rezei longamente com os monges. Eu me revejo, sozinho entre eles, à noite, durante o canto das Completas. Eles marcaram minha alma profundamente”³². Solidão, presença de Deus, liturgia monástica: estamos em um registro diferente daquele da vida paroquial, numa dimensão que não lhe é oposta, mas complementar.

Para Montini, duas dimensões litúrgicas coabitam sempre: uma linha, que poderíamos chamar pastoral – com a necessidade de formação didática e participação ativa de toda a comunidade – e outra, que podemos nomear como contemplativa, monástica. Os dois polos não se opõem e são ambos enraizados na primazia e na nobreza da oração litúrgica, no “nada antepor ao *opus Dei*”, conforme a Regra de São Bento.

Para as comunidades corais, especialmente as monásticas, seu desejo profundo era a conservação do latim e do canto gregoriano. E isto está claro em sua carta *Sacrificium Laudis*.

Não devem ser subestimadas as tradições de seus pais, que ao longo dos séculos constituíram glória dos senhores. Esse modo de recitar o ofício divino no coro foi uma das principais razões da solidez e do feliz desenvolvimento de suas famílias [...]. Qual língua, qual canto lhes parecem poder, na situação atual, substituir essas formas de piedade católica que os senhores têm utilizado

alocução: “Eu devo a ele grande parte de meu amor à santa liturgia” (cf. *Revista Diocesana Milanese* 1957, t. 47, p. 10).

32. *Bulletin religieux de Marseille*, 1964, p. 159.

até o momento? É preciso refletir seriamente, a fim de que as coisas não se tornem piores, uma vez abandonada sua preciosa herança³³.

Sem renunciar às suas convicções íntimas, Paulo VI será sempre receptivo às evoluções e às necessidades que se apresentam, e que vêm ao encontro das conclusões às quais ele chegou durante seu episcopado milanês, mas que nele já se encontravam em germe, durante os anos de sua juventude. Assim, ao receber os abades beneditinos uma última vez, ele une a dignidade da liturgia monástica aos imperativos pastorais.

Após a reforma litúrgica promovida pela Igreja, os senhores terão a missão particular, na medida de suas possibilidades, de realizar celebrações que sejam dignas, que os fiéis compreendam-nas melhor e delas participem ativamente³⁴.

Como prova, se houvesse necessidade de uma, de que a teologia e a espiritualidade litúrgicas de Montini possuem raízes beneditinas, podemos folhear as apresentações escritas, a cada ano, para o novo diretório litúrgico ambrosiano. Em 1962, ali encontramos um resumo do pensamento do arcebispo, que endereça a seus padres, apoiando-se na Regra de São Bento:

O dever da oração! Caríssimos irmãos, como é forte, como é suave, semelhante ao jugo de Cristo, este dever ao qual a cada momento as páginas do calendário litúrgico nos chamam. Dizendo dever, não penso somente na severa lei canônica que nos obriga à recitação cotidiana do breviário e à celebração fixa da Santa Missa, mas penso na orientação fundamental de nossa vida em direção à religião, à fé, à conversão para com Deus. Esta orientação, nós a escolhemos. Ela foi infusa em nós por nossa vocação e foi confirmada pela ordenação. Ela nos separou de qualquer outra profissão profana. Ela nos tornou sacerdotes, ou seja, intermediários entre Deus e os homens. Se tal é nosso dever de oração, qual importância ele recebe em nossa estima e em nossa atividade. Ela, a oração, prima sobre tudo. Ela tudo domina. Ela tudo marca. Ela tudo absorve. “Nada deve ser preferido à obra de Deus”, ensina-nos São Bento; e a Igreja Mestra faz suas para nós tais palavras, justamente para fazer de nós pessoas especialmente destinadas a este dever³⁵.

33. PAULO VI, Carta Apostólica *Sacrificium Laudis*, de 15 de agosto de 1966.

34. PAUL VI, « Allocution aux abbés bénédictins », 23 septembre 1977, *Documents pontificaux de Paul VI, 1977*, Saint-Maurice, Éditions Saint-Augustin, Saint-Maurice, p. 503-506 (p. 504).

35. BIFFI, Inos. “Richezze di umili e aridi libretti. La presentazione del calendario litúrgico ambrosiano”, *Notiziario 10*, Instituto Paolo VI, Brescia, 1985, p. 29-51 (p. 50).

Da carta pastoral de 1958, que reafirma as convicções as mais enraizadas do Arcebispo de Milão, convém transcrever a conclusão, que se baseia na mais autêntica tradição beneditina:

O homem necessita da oração: em nenhum momento a vida humana se manifesta com tanta plenitude, com tanta potência, com tanta sinceridade, com tanta bondade, como na oração. E a oração mais excelente, por sua autoridade, por sua forma, por sua história, é a liturgia. É a mais antiga: pois ela não contém apenas os gemidos do homem que implora, mas a Presença operante de Deus. Ela é a única indispensável, a única obrigatória³⁶.

O primado do *Opus Dei* só se verifica nas homilias e conferências que posamos fazer se houver uma grande convicção interior. Trata-se de uma dimensão da existência do monge, do padre, do cristão, em busca de Deus, que deseja uma relação que seja o menos possível por intermitência. Ela se encarna nas circunstâncias da vida. Nós o podemos concluir, a partir deste testemunho de Dom Pasquale Macchi, secretário de Dom Montini.

Algumas vezes, o arcebispo participava do ofício dos cônegos da catedral. A recitação dos salmos por estes era, às vezes, precipitada e desarmônica, o que atrapalhava a concentração. Dom Montini, quando voltava ao arcebispado, ia à capela e queria recitar novamente comigo o ofício divino que acabava de rezar na catedral. Uma vez, tomei a liberdade de dizer-lhe que, na verdade, a recitação já tinha sido feita e que poderíamos considerá-la válida. Ele me respondeu, simplesmente: “Se o senhor não quiser fazê-lo, eu o direi sozinho”³⁷.

c. “Apresente-se-lhe um tratamento cheio de humanidade” (cap. 53)

Na Carta Apostólica *Pacis Nuntius*, ao proclamar São Bento patrono da Europa, Paulo VI afirma que o santo e seus filhos fizeram com que se elevasse uma nova era sobre o continente europeu, trazendo-lhe o progresso cristão por meio da cruz, do livro e do arado. Sob estes três símbolos estão indicados três elementos da civilização: o Evangelho e os valores espirituais, a cultura e o desenvolvimento humano. Pudemos ver o primado da cruz nos capítulos

36. *Ibid.*, p. 1951-1952.

37. Cf. TORNIELLI, Andrea. *Paolo VI. Laudacia di un papa*, Milano, Mondadori, 2009, p. 225.

precedentes. Podemos agora explorar este tema, tão presente na reflexão montiniana: a contribuição, ou mesmo a função motriz do monacato beneditino para a cultura humana ocidental.

Neste mesmo dia 24 de outubro de 1964, Paulo VI vai ao Mosteiro de Monte Cassino, a fim de consagrar a igreja restaurada, após as destruições da guerra. A homilia pronunciada na ocasião constitui um resumo de suas convicções íntimas sobre a vida monástica, e o lugar que esta pode ocupar na constituição de um novo universo cultural. É, enfim, a contribuição do monaquismo ao humanismo em elaboração, que o Papa esboça em alguns traços essenciais. Assim, ali encontramos esta *humanitas*, da qual São Bento fala no capítulo 53 de sua Regra, no qual trata do acolhimento dos hóspedes³⁸.

Ela se caracteriza pelo primado da pessoa e da vida pessoal, que toma distância de certa hipertrofia de um tipo de vida social, em grande parte prisioneira do exterior e da superficialidade.

A excitação, o barulho, a agitação febril, a exterioridade, a multidão ameaçam a interioridade do homem. Falta-lhe o silêncio com sua palavra interior autêntica, falta-lhe a ordem, a oração, a paz. Ele se sente privado de si mesmo. Para reencontrar o domínio e a disposição espirituais em si mesmo ele precisa bater à porta do claustro beneditino³⁹.

Mas, e trata-se de uma característica do discurso montiniano, o humanismo monástico não se situa no conflito ou na rejeição do humanismo moderno, mesmo que não se deva silenciar o exigente trabalho de discernimento, mas em diálogo com ele, em uma relação de complementaridade, de troca, de fecundação mútua. Tal era o sentido de sua visita à ONU, no dia 4 de outubro de

38. Um comentador alemão escreve: “Se o Pai da Ordem monástica tivesse escrito apenas este capítulo, isto já teria sido um evento na história da cultura ocidental. Em nenhum outro lugar, em toda a Regra, não afluem, tão bem expressos como aqui, os valores naturais do homem. Não somente porque é falado explicitamente de *humanitas*, mas porque todos os detalhes do contexto exprimem um espírito de profundo respeito e amor generoso. Bento revela-se como o representante de uma autêntica humanidade” (Gislar Aulinger, *Das Humanum in der Regel Benediktis von Nursia*, Erzabtei St. Ottilien, 1950, p. 229, citado por André Fracheboud, « En tout humanité. L'entour d'un mot de saint Benoît », *Collectanea Cisterciensia* 1991, t. 53, p. 59-74 (p. 59).

39. PAUL VI, « Homélie à la consécration de la basilique du Mont-Cassin », 24 octobre 1964, *Documents pontificaux de Paul VI, 1964*, Saint-Maurice, Éditions Saint-Augustin, Saint-Maurice, p. 856-862 (p. 860).

1965, quando Paulo VI apresenta-se como “perito em humanidade”⁴⁰. Podemos também pensar, a título de exemplo, na encíclica pascal *Populorum Progressio*: “Deve-se promover um humanismo pleno [...] É claro, o homem pode organizar a terra sem Deus, mas sem Deus ele não pode, no fim das contas, organizá-la senão contra o homem”⁴¹. Para Paulo VI ser monge, o homem que recuperou a si próprio, não é apenas uma função perante a Igreja, mas perante o mundo.

[Há uma função] perante o mundo que ele deixou e à qual ele resta ligado pelos novos laços, criados por seu próprio afastamento: contraste, assombro, exemplo, possíveis confidências e conversações secretas, complementaridade fraterna. Digamos somente que esta complementaridade existe, e que ela toma uma importância tanto maior quando no mundo há mais necessidade dos valores conservados nos mosteiros, e que estes valores ele não os considera como tomados só para si, mas por ele sendo conservados, apresentados, oferecidos⁴².

Dentre os valores monásticos, que constituem como que uma marca da qualidade de uma cultura humana⁴³, da *humanitas* reteremos o sentido de uma atitude, de um estado de espírito, de um modo de ser emblemático da personalidade de Paulo VI, e que também é devido ao seu conhecimento experimental da vida monástica: o diálogo.

Se para São João Crisóstomo “Deus está constantemente em diálogo com o homem”, trata-se igualmente de uma indicação fundamental sobre a atitude que o homem deve ter frente a Deus e em todos os domínios de sua vida pessoal. Podemos compreender perfeitamente a vida monástica como diálogo: uma iniciativa e uma resposta que são buscadas ao longo dos anos. Este

40. “É como “perito em humanidade” que trazemos a esta organização o sufrágio de nossos últimos predecessores, o de todo o episcopado católico e o nosso, convencidos como somos de que esta organização representa o caminho obrigatório da civilização moderna e da paz mundial” (PAUL VI, « Discurso na ONU », 4 octobre 1965, *Documents pontificaux de Paul VI, 1965*, Saint-Maurice, Éditions Saint-Augustin, Saint-Maurice, p. 519-527 (p. 520).

41. PAULO VI, *Populorum Progressio*, 26 de março de 1967, n. 42.

42. PAUL VI, « Homélie à la consécration de la basilique du Mont-Cassin », 24 octobre 1964, *op. cit.*, p. 861.

43. Pode-se, igualmente, estudar a utilização que Cassiano, ao qual o monaquismo é devedor, inclusive o monaquismo beneditino, faz do substantivo *humanitas*. “De todos estes textos [as “Conferências” e as “Instituições”], aparece que não poderíamos restringir o sentido da palavra *humanitas* somente ao aspecto material da hospitalidade. Quase sempre, a palavra significa, ao mesmo tempo, os sentimentos que supõem a acolhida dos hóspedes: compaixão, bondade, condescendência, cordialidade” (FRACHEBOUD, André. *op. cit.*, p. 66).

diálogo vivo com Deus dá forma à atitude profunda do monge, fazendo dele um perito em diálogo, um “perito do encontro”, segundo a expressão frequentemente utilizada pelo Papa Francisco, em seus discursos aos religiosos.

Lendo, atentamente a Regra de São Bento, descobrimos que o diálogo está em toda parte, um diálogo que se fundamenta na iniciativa tomada por Deus em relação ao monge e à comunidade monástica, em seu todo. Este diálogo não se limita a palavras e a intuições, mas também se constrói por atos, por decisões. É assim que o prólogo retrata o diálogo inicial. O Senhor fala. O monge – ou o candidato a monge – interroga o Senhor. Ele responde por meio de suas obras.

No capítulo 2, vemos o Abade estabelecer o diálogo tanto com os turbulentos, quanto com os pacíficos. No capítulo seguinte, o vemos convocar toda a comunidade, toda vez que houver um assunto importante para tratar, e cada um é chamado a dar sua opinião, não importa sua posição ou sua idade, jovem, idoso, ex-escravo, nobre... Isso é impressionante, quando nos lembramos quanto o elitismo marcava a cultura de então. Os irmãos são formados para o diálogo: eles devem banir a arrogância, dando suas posições com simplicidade, sem respeito humano. Os capítulos seguintes apresentam o clima do diálogo: obediência, silêncio, humildade, realidades que não suprimem o diálogo, mas dão-lhe terra fértil e qualidade. Poderíamos, igualmente, consultar os capítulos 27 e 31, nos quais encontramos indicações preciosas neste sentido. Em várias passagens da Regra, São Bento fustiga o vício da murmuração⁴⁴. A murmuração é, precisamente, o sintoma da ausência de diálogo. O capítulo 68, sobre as coisas proibidas a um irmão, é igualmente um pequeno tratado sobre o diálogo. Fala-se ali de mansidão, de obediência, de diálogo paciente, em tempo oportuno, de exposição confiante das motivações, e da obediência por amor. O capítulo 72 oferece, igualmente, indicações preciosas sobre o diálogo entre irmãos no interior da comunidade.

Este resumo é apenas uma rápida enumeração dos elementos existentes na Regra, para uma real teologia do diálogo como efetivação do pensamento de São Bento, dentro do dinamismo da busca de Deus, do diálogo, como modo de viver a *humanitas*.

Podemos sublinhar a afinidade existente entre este modo beneditino de entrar em relação e a concepção e a prática do diálogo para Montini. É claro, um

44. “Antes de tudo, que não surja o mal da murmuração, em qualquer palavra ou atitude, seja qual for a causa. Se alguém for assim surpreendido, seja submetido a castigo mais severo” (*Regra de São Bento*, cap. 34).

dos seus textos mais importantes sobre este tema é a encíclica *Ecclesiam Suam*, escrito, evidentemente, pessoal e programático.

A Igreja deve entrar em diálogo com o mundo no qual ela vive; a Igreja faz-se palavra; a Igreja faz-se mensagem; a Igreja faz-se colóquio⁴⁵.

O diálogo não é uma realidade periférica, mas constitui o modo de ser da Igreja no anúncio do Evangelho. A missão da Igreja é a de ir ao encontro do homem, da cultura contemporânea, da sociedade moderna, adotando a forma mais conveniente para alimentar esta relação: o diálogo. E Paulo VI põe o diálogo da Igreja no prolongamento do diálogo de Deus com os homens, diálogo que encontra seu ponto culminante na Encarnação.

Paulo VI enumera, em seguida, as quatro características do diálogo: a clareza, a mansidão, a confiança, a prudência. Este diálogo é “uma arte de comunicação espiritual”. Como Deus soube, e sabe comunicar-se com o homem, de nossa parte devemos ser peritos em comunicação. Entre a clareza e a prudência encontram-se duas características significativas da familiaridade com um grande comunicador, muito lido e imitado na família Montini: São Francisco de Sales. Em relação à mansidão, Paulo VI precisa:

O diálogo não é orgulhoso, não é pungente, não é ofensivo. A autoridade vem-lhe da verdade que expõe, da caridade que difunde, do exemplo que propõe; não é comando, não é imposição. O diálogo é pacífico, evita os modos violentos, é paciente e é generoso⁴⁶.

Contudo, lemos aqui palavras que poderíamos qualificar como beneditinas, na linha da célebre *discretio*. Podemos a elas acrescentar estas palavras, através das quais o Papa trata da quarta característica, a prudência:

Ela (a prudência) atende muito às condições psicológicas e morais de quem ouve [...]. Essa prudência leva a tomarmos o pulso à sensibilidade alheia e a modificarmos as nossas pessoas e modos, para não sermos desagradáveis nem incompreensíveis⁴⁷.

45. PAULO VI, Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*, 6 de agosto de 1964, n. 38.

46. *Ibidem*, n. 47.

47. *Ibidem*.

O diálogo assim conduzido “realiza a união da verdade e da caridade, da inteligência e do amor”⁴⁸. Pode ser que o Papa traga na memória a oração impressa – graças ao trabalho de Dom Buenner, beneditino de Chiari – no verso da lembrança de sua ordenação sacerdotal: “Senhor, faça que todos os espíritos se unam na verdade, e todos os corações, na caridade”.

O diálogo, promovido por Paulo VI, como meio privilegiado do anúncio do Evangelho, quer-se respeitoso da pessoa com o qual ele é feito, e consciente de que sua iniciativa é sempre obra do Espírito Santo.

Descobre-se no diálogo como são diversas as vias que levam à luz da fé, mas como, apesar disso, é possível fazê-las convergir para o mesmo fim. Ainda que sejam divergentes, podem tornar-se complementares, levando o nosso raciocínio para fora das sendas comuns e obrigando-o a aprofundar as investigações e a renovar os modos de expressão⁴⁹.

Para Paulo VI, o diálogo, o colóquio, são o modo que ele escolheu para exercer seu ministério apostólico. Pois se trata da arte da comunicação espiritual, que experimentou desde sua juventude e que quer colocar a serviço da Igreja e do mundo. E os interlocutores são divididos em três grandes círculos: o mundo, os cristãos e os católicos. A atitude fundamental do Papa e da Igreja é claramente expressa:

Ninguém é estranho ao seu coração materno. Ninguém é indiferente ao seu ministério. Ninguém, se não quer, é seu inimigo⁵⁰.

Jean Guitton definiu muito bem a natureza do diálogo praticado por Paulo VI. “O diálogo de Paulo VI não é uma arte de mostrar sua própria opinião, nem a abnegação proposta pelos maliciosos, que consiste em ajudar seu próximo a ter outra posição ou fazê-lo crer em algo. Trata-se de buscar a verdade no outro e em si; de entrar, sem cessar, em contato com uma percepção diferente, mas igualmente amante da verdade: em sua exatidão, em sua pureza, ou mesmo em sua nuance suprema [...]. Trata-se de pensar em comum, estar sempre disposto a corrigir-se pela posição do outro; é fazer-se ajudar pelo seu adversário na busca do que é. Esta maneira honesta e modesta de pensar, se aplicada, não precisa de eloquência: ela trará em si mesma, por seu próprio exemplo, uma força de persuasão”⁵¹.

48. *Ibidem*.

49. *Ibidem*, n. 48.

50. *Ibidem*, n. 53.

51. GUITTON, Jean. *Dialogues avec Paul VI*, Paris, Fayard, 1967, p. 196.

Diálogo sim, contudo Paulo VI afirma, de modo bastante claro, o direito, a necessidade da tomada de decisão por parte da autoridade, que deve ser recebida com um olhar teologal. Estamos diante de uma característica do modo de governo montiniano, que une o respeito pelo outro, em um caminho de diálogo, e a autoridade absoluta da palavra daquele que recebeu um mandato. Notamos, igualmente, uma grande proximidade entre o exercício da autoridade segundo Paulo VI e a Regra beneditina.

Para concluirmos essas reflexões sobre o humanismo montiniano, caracterizado pela escolha do diálogo, em grande afinidade com a sensibilidade beneditina, podemos reler este retrato, que reagrupa o testemunho de tantas pessoas:

Cada encontro com ele, mesmo que por um momento breve, é uma experiência humana que renova e deixa um traço, algumas vezes, marcante. Ele nos faz perceber que alguma coisa de si se comunica com seu interlocutor, o qual não pode permanecer-lhe indiferente. É sua afeição, sua simpatia, seu calor humano que faz você se sentir igual a ele, que faz você se sentir à vontade e compreender que ele precisa de você, que ele conta com você e que você fará tudo para não fazê-lo sofrer e para colaborar com ele. Ele se apresenta com discrição, quase por inadvertência, mas você não pode fugir ao olhar penetrante de seus olhos azuis acinzentados. Ele não é explosivo, mas persuasivo; ele encoraja e confirma, com palavras cunhadas expressamente para você, das quais você não poderá duvidar. Suas palavras ressoam no seu interior por muito tempo, e depois de anos, você ainda se recorda delas claramente, como marcos de sua vida. E sua paternidade, sua doação e sua disponibilidade, que o fazem atento para com aquele que está com ele, como se somente este existisse. Ele possui uma capacidade ilimitada de acolhida e de abertura. Ninguém o encontra como se fosse um estranho ou alguém não disponível⁵².

Conclusão: Paulo VI e Solesmes

No quadro desta conferência, endereçada a todos os que por um motivo ou outro são “amigos de Solesmes”, parece oportuno concluir, detendo-nos em algumas lembranças das relações entre Paulo VI e Solesmes.

52. PANCIOLOI, Romeo. “Lottantesimo genetliaco di Paolo VI”, *Notiziario 11*, Instituto Paolo VI, Brescia, 1985, p. 86-92 (p. 88).

Já evocamos a breve parada que Montini fez em Solesmes, em julho de 1930, e depois sua passagem por Quarr, priorado ainda dependente de Solesmes, em julho de 1934.

Dom Prou teve a bondade de fazer-me uma pequena nota sobre suas relações com Paulo VI. Dou, então, a palavra a Dom Abade:

Encontrei Paulo VI durante uma audiência que me havia concedido, pelo final do ano de 1974. O Santo Padre me falou de Dom Guéranger, do qual festejaríamos o centésimo aniversário de morte no dia 30 de janeiro seguinte. Eu lhe ofereci um álbum com fotografias de Dom Guéranger que Dom Le Corre lhe tinha preparado. Paulo VI pôs-se a olhar as fotos, tranquilamente, mas exclamou: “Oh! Os olhos!”, quando chegou à fotografia do retrato feito por Gaillard. Ele se pôs a falar de Dom Guéranger, dizendo que tinha aprendido muito por causa dele. E acrescentou: “Os senhores, os beneditinos, não buscam beatificações ou canonizações, mas Dom Guéranger poderia ser beatificado”. Então eu lhe disse: “Santo Padre, quando Dom Roncalli era núncio na França, ia frequentemente a Solesmes; foi até lá cerca de dez vezes. Um dia, ele quis celebrar a missa do aniversário de morte de Dom Guéranger, pois ele muito o venerava, desde sua infância, tendo em parte aprendido o francês, a partir de seus 14 anos de idade, lendo *O ano litúrgico*”. Naquele dia, ele nos disse: “Se eu fosse papa, eu canonizaria Dom Guéranger”. E eu concluí: “Ele foi papa e não canonizou Dom Guéranger”. Paulo VI começou a rir e, levantando os braços para o céu, como costumava fazer, disse-me: “Mas ele não teve tempo! Pode ser que seu humilde sucessor...”.

Em seguida, durante uma de minhas estadias em Roma, Paulo VI pediu-me cinco vezes para fazer tudo o que estivesse ao meu alcance para salvar o canto gregoriano. Uma vez, inclusive, utilizou as seguintes palavras: “Eu suplico ao senhor de fazer tudo o que puder para salvar o canto gregoriano”. Uma ou duas vezes, ele me felicitou pelo que fazemos em Solesmes. Compreendi que se tratava do modo como celebrávamos a liturgia. Como fiz uma pequena careta de modéstia, que queria dizer, e que eu possivelmente tivesse dito: “Não fazemos nada de extraordinário”, ele acrescentou de modo preempatório: “Eu sei o que os senhores fazem, e eu os agradeço”⁵³.

A estas lembranças, seria interessante acrescentar as publicações dos monges de Solesmes durante o período do pós-concílio, que retiveram a atenção de Paulo VI. Eram controvérsias sobre a liturgia e a missa. Dom Oury, Dom

53. PROU, Dom Jean. *op. cit.*

Nau se comprometeram com a linha traçada pelo concílio e pelo Papa. Paulo VI até citou uma vez o livro de Dom Paul Nau, *Le mystère du corps et du sang du Seigneur (O mistério do corpo e do sangue do Senhor)*, durante uma audiência geral.

Para concluir esta modesta conferência, podemos afirmar que a vida monástica beneditina marcou profundamente Giovanni Battista Montini. Ele interiorizou valores beneditinos essenciais, que modelaram certas de suas escolhas, certas atitudes: a busca de Deus, o primado da liturgia, um humanismo monástico. Mais precisamente, na medida em que os valores essenciais eram, autenticamente vividos, a vida monástica beneditina nunca foi por ele concebida como uma simples conservação ou tentativa de recriar uma época que não mais existe. Pelo contrário, uma vida monástica com uma identidade clara poderia entrar em diálogo com as culturas, com o mundo, com as mulheres e os homens, não importa em que altura de suas buscas espirituais estivessem. Neste domínio, como em outros, Paulo VI sabia que a verdadeira Tradição não pode ser senão uma Tradição aberta.

Tradução recebida em 12/11/2019 e aprovada para publicação em 21/11/2019

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v18i36-2019-9>

Como citar:

MAHIEU, OSB, Dom Patrice. São Paulo VI, discípulo de São Bento. Tradução de Frei André Tavares, OP. Título original: *Saint Paul VI, disciple de saint Benoît*. *Coletânea*: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p. 405-430, jul./dez. 2019. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br